

Acolher com rosto humano: O papel do voluntariado na integração de migrantes ***Welcoming with a human face: the role of volunteering in the integration of migrants***

André Costa Jorge* e Ana Monteiro**

Resumo No âmbito da sua missão, o Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS-Portugal) desenvolveu um projecto de voluntariado que visa apoiar a integração de migrantes em situação de grande vulnerabilidade social e simultaneamente desenvolver de forma mais ampla o potencial do voluntariado. A metodologia de tutoria social desenvolvida neste projecto assenta na valorização do papel central do voluntário e na relação de proximidade entre voluntário e migrante no processo de integração de migrantes nas sociedades de acolhimento. Ao longo deste projecto, voluntários (tutores) e migrantes (tutorandos) são acompanhados pela equipe técnica do JRS.

Palavras-chave Imigrantes, integração de imigrantes, voluntariado, tutoria, itinerário personalizado de inserção

Abstract As part of its mission, the Jesuit Refugee Service (JRS-Portugal) developed a voluntary project which aims to support the integration of migrants in large social vulnerability, and simultaneously broadly develop the potential of volunteering. The methodology developed in this social mentoring project is based on the appreciation of the volunteer central role and the close relationship between volunteers and migrants during the integration process of migrants into host societies. Throughout this project, volunteers (tutors) and migrants (tutees) are accompanied by the JRS technical staff.

Keywords Immigrants, integration of immigrants, volunteering, tutoring, personalized itinerary for insertion

* Licenciado em Antropologia e mestrando em Desenvolvimento no ISCTE. Director do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS - Portugal) / Master's degree in Anthropology and a master's student in Development at ISCTE, director of Jesuit Refugee Service (Portugal) since 2008 (andre.jorge@jrsportugal.pt)

** Licenciada em Gestão de Empresas pela Universidade Nova de Lisboa e pós-graduada em Economia Social pela Universidade Católica Portuguesa. Voluntária do JRS / Master's degree in Management from Universidade Nova de Lisboa e post-graduate degree in Social Economics from Universidade Católica Portuguesa. A JRS Volunteer.

■ Acolher com rosto humano: O papel do voluntariado na integração de migrantes

André Costa Jorge e Ana Monteiro

Integração de migrantes: Uma realidade de grande complexidade

Abandonar o país de origem levando na bagagem a esperança de conseguir uma vida melhor, onde se procura ter sustento para si e para os seus, acesso a cuidados de saúde, ausência de guerra e perseguições; são algumas das razões que levam milhares de pessoas a abandonar suas casas e família e partir para o desconhecido.

A concretização deste sonho nem sempre corre da forma prevista e, nos países de acolhimento, a realidade nem sempre é a esperada. As dificuldades de comunicação, de linguagem, as barreiras culturais e a discriminação são apenas alguns dos entraves com que se depara a população migrante, com qual contacta toda a equipa de técnicos e de voluntários do JRS Portugal.

“Estar onde mais ninguém está e onde faz mais falta”

Estar onde mais ninguém está e onde faz mais falta é o critério e o lema de acção do Serviço Jesuíta aos Refugiados, instituição internacional fundada em 1980 pela Companhia de Jesus sob a alçada do, então, Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Pedro Arrupe.

Fundado em Portugal, há quase 20 anos, o Serviço Jesuíta aos Refugiados de Portugal (JRS Portugal) vive seriamente a sua missão de *acompanhar, servir e defender* todos os refugiados, cidadãos deslocados à força requerentes de asilo e todos os migrantes, particularmente aqueles que se encontram em situações de maior vulnerabilidade.

O JRS tem desenvolvido um trabalho muito forte no terreno, de acompanhamento e de apoio aos fluxos migratórios, actuando em inúmeras áreas, nomeadamente a nível jurídico e social, de apoio à legalização; apoio psicossocial a migrantes em situação de detenção, alojamento de migrantes sem-abrigo (no Centro de Acolhimento Pedro Arrupe), apoio ao acesso à saúde e apoio medicamentoso, formação e inserção profissional de imigrantes, acompanhamento psicológico, entre outros.

Para além do trabalho directo com migrantes, o JRS Portugal também tem vindo a desenvolver acções na dimensão do *Advocacy*, i.e., acções de informação e sensibilização com o intuito de se conseguirem melhores políticas de integração e de migração.

Seguindo o sonho do seu fundador, o enfoque de todo o trabalho da JRS centra-se na promoção da dignidade e direitos de todos os migrantes de modo particular aqueles que se encontram em situação de especial vulnerabilidade e de dar voz à sua causa, sensibilizando a sociedade em geral para as dificuldades próprias deste grupo de pessoas.

Voluntariado com Sentido de Missão

O processo de migração é frequentemente penoso e extremamente difícil, exigindo esforços de adaptação ao país de acolhimento, quer a nível de integração social e de adaptação à cultura local, para além do processo de reorganização de vida.

No caso dos cidadãos que se vêm obrigados a deixar o seu país de origem por motivos de sobrevivência, esta dinâmica torna-se ainda mais complexa, pois estes migrantes vivem muitas vezes em situação de extrema vulnerabilidade e sofrimento.

Neste sentido, a colaboração voluntária em espírito de serviço e gratuidade, por parte dos cidadãos dos países de acolhimento, é uma poderosa alavanca ao processo de integração dos migrantes, permitindo humanizar o espaço de intervenção técnica que se faz no JRS.

Com este intuito, relançou-se em 2010, o Departamento de Voluntariado, este mesmo orientado por um voluntário a tempo inteiro, Jorge Roque Martins.

Depois de ter trabalhado mais de 40 anos na área social, foi no JRS que Jorge Roque Martins encontrou um tipo de voluntariado com que se identifica: um trabalho com missão e onde o voluntário não é uma “peça solta”, mas sim um:

“agente de intervenção que tem uma relação personalizada com todos aqueles que estão em contacto com a JRS; articula com os técnicos, comunidade e entidades afim de melhor contribuir para a concretização do projecto de vida do migrante”.

Para Roque Martins, o espírito de missão de um voluntário assenta em:

“olhar para o ser Humano independentemente de quem este é e como é, e ajudando-o a tomar consciência da sua realidade própria de vida, promovê-lo como pessoa”.

Na missão do JRS (Acompanhar, servir e defender), encontra a essência do voluntariado:

“o voluntário deve estar ao serviço do ser humano em todas as suas dimensões”.

Sob a sua orientação e com uma atitude muito clara de que *“Ser voluntário é diferente de ser voluntarioso”*, o departamento de voluntariado cresceu bastante no último ano e conta já com mais de 60 voluntários em vários projectos, entre os quais o de Tutoria; um projecto que tem como objectivo levar a sociedade ao encontro do migrante estrangeiro e não o contrário.

Voluntariado sob forma de Tutoria: Um caminho lado a lado

O projecto de Tutoria surgiu pela constatação da existência de necessidades específicas por parte de cada um dos utentes que residem no Centro de Acolhimento Pedro Arrupe (CPA). Este projecto visa garantir o acompanhamento personalizado de cada utente residente e tratar problemas específicos de um modo informal e bastante próximo, assente sobretudo na relação humana.

O projecto de Tutoria, actualmente em curso com todos os utentes do Centro de Acolhimento Pedro Arrupe, assenta numa metodologia de aproximação e acompanhamento constante dos migrantes por um voluntário, monitorizado pela equipa técnica. No fundo, trata-se de desenvolver um itinerário personalizado de inserção que potencia a integração do migrante, por um lado, e que permite, por outro, o enriquecimento e o contacto com novas realidades por parte dos tutores.

Como explica Jorge Roque Martins:

“É fundamental esta ideia de escuta sem tempo e informal, ter alguém com quem falar, com quem estar, com quem (o migrante) se sinta afectuosamente próximo. Daí nasceu uma oportunidade de ir ao encontro de uma necessidade – o precisar de ser ouvido”.

O tutor social acaba, acima de tudo, por ser um confidente e, como tal, é essencial que saiba respeitar o Outro como ser humano, apesar de todas as diferenças. O choque de culturas, de educação, as diferentes maneiras de ver a vida, tudo isso... pode levar a alguns choques a nível de compreensão e de relação. O primeiro passo neste caminho é dado no momento em que estas diferenças caem no esquecimento e nasce uma relação de proximidade entre tutorando e tutor. *“É uma relação de dívida enorme de ambas as partes, uma relação de cumplicidade”.*

Como confidente que é, o tutor leva para casa muitas frustrações, tristezas, mas também enormes alegrias, memórias e, acima de tudo, uma experiência bastante

enriquecedora como ser humano. Traz, para os utentes do CPA, a sociedade, o que é bastante importante para a integração dos migrantes:

“deixa de ser uma luta de 24 horas para se sentirem parte da sociedade, para terem uns momentos em que a sociedade vem até eles”.

Ao fim de um ano a acompanhar este projecto, Roque Martins, verifica que

“a perspectiva humana é totalmente diferente; eles hoje percebem que somos iguais. Que somos todos Homens e Mulheres, que temos os mesmos direitos e deveres”.

Graças a este projecto, os migrantes sentem-se tratados como Pessoas, ouvidos como tal, e acompanhados nos seus desafios. Abrem-se novos horizontes à sua vida, numa realidade de extrema complexidade; como refere Hélder:

“A Aurora vem e falamos sobre as coisas, sobre os meus problemas. Está-me a ajudar a ver o que posso fazer, pensamos juntos e vemos alternativas. Ela ouvi-me, ajuda-me. Posso falar”.

Por outro lado, os tutores voluntários enriquecem as suas vidas através da realização de sentido de missão, como explica Aurora:

“Já tive 3 tutorandos, que começaram a trabalhar e por isso agora o contacto é menor, mas é extremamente gratificante ver que se estão a conseguir autonomizar e enraizar aqui. (...) Tento manter sempre a ligação, não sei estar sem me dar como pessoa, sem ligação afectiva, pois quando estou aqui eu dou-me e retribuo o que me dão”.

“Um voluntário é uma pessoa que encara o seu trabalho como missão e que tem a mesma obrigação de fazer as coisas bem-feitas.”